

Graciliano Ramos e Joseph Vissarionovitch Djugatchivili, 30 anos depois

Janer Cristaldo

“Proletariado nosso que estás na terra, bendito seja teu nome, seja feira a tua vontade, venha a nós o teu poder”. (início da prece revolucionária dos “Construtores de Deus”, movimento fundado após a fracassada revolução de 1905, por Gorki e Lunatcharski).

Costumo afirmar, para espanto de meus interlocutores, que a literatura de nosso século jamais poderá ser entendida sem prévia análise do fenômeno Stalin. Mas que tem a ver Stalin com a literatura? — é a reação imediata, automática quase. Pois tem muito a ver. E neste 1983, em que se comemora os trinta anos da morte de Graciliano Ramos ao mesmo tempo em que pudicamente se lembra os trinta anos da morte de Stalin, não são estas três décadas o único ponto comum entre ambos. Mas a história é longa e deve ser relatada desde o início.

Ao fechar as portas do século passado, o homem ocidental, se olhasse para trás, veria um ilustre cadáver putrefato, o cadáver do Deus cristão. Nietzsche, pouco antes de mergulhar nas trevas de sua loucura, já anunciara sua morte pela boca de Zaratustra. Ao descer da montanha, “enfasiado de minha sabedoria como a abelha que acumulasse demasiado mel”, Zaratustra encontra um santo no bosque tecendo cânticos a Deus. Mas “será possível que este santo ancião ainda não ouvisse em seu bosque que *Deus já morreu?*”

Nietzsche penetra em sua noite particular, não sem antes decretar sua *Lei contra o cristianismo*, datada do “dia da Salvação, primeiro dia do ano Um (a 30 de setembro de 1888, pelo falso calendário)”, onde propugna a expulsão do cristianismo não apenas da Europa, mas da História:

“O lugar de maldição onde o cristianismo chocou os seus ovos de basilisco será completamente arrasado, e sendo sobre a terra o local sacrílego, constituirá motivo de pavor para a posteridade. Aí serão criadas serpentes venenosas”.

Nietzsche assina-se então Anticristo. Simbolicamente, morre com o século, pressentindo o odor abominável que exala o cadáver de um deus insepulto. Freud também o pressentia e escreve — em 1927 — em “*O Futuro de uma Ilusão*”:

“Se quisermos expulsar de nossa civilização européia a religião, não se poderá chegar a isso senão com a ajuda de um outro sistema doutrinário, e este sistema, desde sua origem, adotará todas as características psicológicas da religião: santidade, rigidez, intolerância e a mesma proibição de pensar, como autodefesa”.

Que mais não fosse, em *O Idiota*, através da boca do príncipe Mychkine, o ortodoxo Dostoievski há muito previra que o catolicismo romano originaria um socialismo ateu. Ateu em relação ao Deus dos céus e dos infernos, mas religioso em relação ao homem enfim divinizado. Deus morto, deus nenhum outro à vista para sucedê-lo, o homem ocidental, órfão e carente de fé, irá criar um deus vivo. Os russos, excitados talvez pelo messianismo chauvinista e anti-semita de Dostoievski, já andavam procurando o seu. Por volta de 1850, Vladimir Soloviev erige o movimento revolucionário que se intitulará “Os Buscadores de Deuses”, que acaba sem achar nada. Mas a semente está lançada. Será após o fracasso da revolução de 1905, que Maxim Gorki e Lunatcharski (futuro escritor oficial da era staliniana) fundarão o movimento “Os Construtores de Deus”.

Gorki, que julgava a mentira necessária contra as “verdades nefastas”, diz em uma carta de 1908, dirigida a Gregor Alexinski, que o “socialismo deve se transformar em culto”. Em *A Mãe*, escrito nos Estados Unidos em 1906, um militante diz aos operários em cortejo: “nossa procissão agora marcha em nome de um deus novo”. E em uma novela de 1908, *A Confissão*, o incipiente deus já ensaia seus poderes: à passagem de uma manifestação de operários, um paraplégico deitado em uma maca se levanta e anda. E antes de morrer (suspeita-se que assassinado por seu “deus”), Gorki, afirma:

“Lá onde reina o proletariado não há lugar para uma querela entre o saber e a fé, pois a fé neste caso é o resultado do conhecimento pelo homem do poder da razão”.

Os tempos estão maduros para a emergência da nova fé. Marx e Engels fornecem o Livro, pois toda religião que se preze se fundará num livro. Os revolucionários de 17 conquistam um território. Só falta o deus. Joseph Vissarionovitch Djugatchivili, ex-seminarista da Geór-

gia, quem também atendia pelo apelido de Sosso, ao que tudo indica sabia disso. Morto Lenin, tomará posse do cargo. E organiza seu culto.

Em recente ensaio para *O Estado de São Paulo*, Christian Jelen e Banki Lazitch nos fazem um resumido inventário das fórmulas e metáforas empregadas na ladainha do novo Deus:

O guia imortal da humanidade / Nossa luz / O grandioso edificador do comunismo / O genial continuador de Marx, Engels e Lenin / O maior titã de todos os tempos / O gigante do pensamento e da ação / o mestre incomparável da ciência marxista / O cérebro mais poderoso de nossa época / O senhor dos rios / Nossa fonte de luz e energia / O melhor amigo dos judeus / O corifeu das ciências / A sabedoria, a honra e a consciência de nossa época / O timoneiro / O cérebro em que se equacionam todos os problemas de nossa época / O prodigioso cérebro em que se reúnem todas as experiências revolucionárias que o proletariado realizou durante um século / O sol da verdade / O arco-íris da Humanidade Progressista.

Etc., etc., etc., ad nauseam.

Os pronomes que o designavam, como nos textos cristãos, são grafados, em meio à frase, com maiúsculas: Ele, Seu, Lhe, O. E Stalin, nome adotado por Joseph Vissarionovitch Djugatchivili, “o de aço” (curiosa coincidência com o Superman americano), é o maior filósofo de todos os tempos, o mais bravo dos combatentes, o maior personagem de cinema, o mais sábio lingüista, o agrônomo por excelência. As vacas dão mais leite com o pensamento de Stalin, os campos produzem mais trigo (a tal ponto que mesmo hoje a URSS é suprida em trigo pelos Estados Unidos e Argentina), os rios não são mais senhores de seus cursos.

Clark Kent, modesto jornalista ianque, não faria melhor.

Moscou, para os crentes órfãos do deus hebraico-cristão, torna-se a Terra Prometida, a Nova Jerusalém. E os melhores cérebros do mundo, peregrinos, em procissão vão adorá-lo.

A lista demandaria páginas e páginas. Vejamos apenas alguns nomes que talvez digam algo ao leitor brasileiro: Nikos Kazantzakis, André Gide, Bertold Brecht, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Annie Kriegel, Louis Aragon, Henry Barbusse, Romain Rolland, Heinrich Mann, Paul Éluard, Vaillant-Couturier, Roger Garaudy, Henri Lefebvre, Frederic Joliot-Curie. Entre nós, e para não esticar muito a lista: Pablo Neruda, Otávio Paz, Jorge Amado. E Graciliano Ramos.

Verdade que desta lista, alguns nomes irão cair, ante a evidência dos fatos, é o caso de Gide e Otávio Paz. Mas os demais permaneceram cegos ante os fatos, e morreram stalinistas ferrenhos, ou ainda vivem, confusos crentes incapazes de mudar de crença.

Poucos homens representativos das letras desta primeira metade do século tiveram suficiente lucidez para escapar ao fascínio do novo Deus. Entre eles, Pierre Pascal, Panaiti Istrati, Ernesto Sábato, David Rousset, Koestler, Orwell, Victor Serge, Albert Camus. E todos pagaram seu preço. Na Europa e conseqüentemente entre nós, extensão da Europa, tiveram decretadas suas mortes civis, uma espécie de AI-5 ideológico os baniu do mundo intelectual. O caso de Panaiti Istrati, escritor romeno de expressão francesa, é dramático. Convidado para os festejos do décimo aniversário da revolução, em 1927, encontra-se em Moscou com: o cretense Nikos Kazantzakis, este um místico apaixonado por Cristo, Buda e Lenin. Istrati, o *haidouc* autor de romances telúricos como *Os Cardos do Barragan*, *Kyra Kyralina*, *Tio Ângelo*, é o primeiro escritor ocidental a suspeitar — e denunciar — que algo de errado se passava na Rússia de Stalin. Em 1929, publica *Vers l'autre Flamme*, primeira denúncia do stalinismo. A recusa ao novo dogma é tão traumática que, tendo seu livro publicado em 1929, a segunda edição só sairia em 1980. Suas *Obras Completas* são publicadas pela Gallimard, exceto *Vers l'autre flamme*, cujos originais levam Romain Rolland, seu padrinho literário em Paris, a aconselhá-lo: “Isto será uma paulada (. . .) a toda Rússia. Estas páginas são sagradas, elas devem ser conservadas nos arquivos da Revolução Eterna, em seu Livro de Ouro. Nós lhe estimamos ainda mais e lhe veneramos por tê-las escrito. Mas não as publique jamais”.

Não foram muitos os escritores a intuir que não se estava precisamente ante uma revolução, mas ante uma nova religião. Entre estes, poucos foram tão precisos na denúncia do novo dogma como Nikos Kazantzakis. No relato de sua peregrinação à Rússia, diz o cretense que pouco a pouco a luz se fazia em seu espírito. Para ele, todos os apóstolos do materialismo davam às questões respostas grosseiras, de uma evidência simplista, como em todas as religiões, eles buscavam divulgar essas respostas tentando torná-las compreensíveis para o povo. Kazantzakis — o fascinado por Buda, Cristo e Lenin — reconhece então, na Rússia, a existência de um exército fanático, implacável, onipotente, constituído de milhões de seres, que tinha em mãos e educava como bem

entendia milhões de crianças. Este exército, diz o cretense, possui seu Evangelho, o *Capital*. Seu profeta, Lenin. E seus apóstolos fanatizados que pregam as Boas Novas a todas as gentes. Possui também seus mártires e heróis, seus dogmas, seus padres apologistas, escolásticos e pregadores, seus sínodos, sua hierarquia, sua liturgia e mesmo a excomunhão. E sobretudo a fé. A fé que lhe assegurava que ele detinha a verdade e trazia a resposta definitiva aos problemas da vida.

Algo mais acrescentaríamos: não apenas há um Livro, como também os livros apócrifos. Assim como a Igreja Romana censura os testemunhos gnósticos que não servem a sua ambição de poder, assim censura-se — e até hoje — a obra de Marx na União Soviética.

“Nós somos contemporâneos — diz Kazantzakis — deste grande momento em que nasce uma nova religião”.

Albert Camus é outro a desvelar o caráter eclesial da nova idéia:

“O ateísmo marxista é absoluto. Mas no entanto ele restitui o ser supremo ao nível do homem. ‘A crítica da religião culmina nesta doutrina em que o homem é para o homem o ser supremo’. Sob este ângulo, o socialismo é assim uma empresa de divinização do homem e adquiriu algumas características das religiões tradicionais”.

“... O socialismo autoritário, que vai dessacralizar o cristianismo e incorporá-lo em uma Igreja conquistadora”.

“O messianismo científico de Marx...”

“Nesta Jerusalém ruidosa de máquinas maravilhosas, quem se lembrará ainda do grito do degolado?”

O proletariado, “por suas dores e suas lutas, é o Cristo humano que resgata o pecado coletivo da alienação”.

“O movimento revolucionário, ao final do século XIX e ao começo do século XX, viveu como os primeiros cristãos, à espera do fim do mundo e da Parusia do Cristo proletário”.

“A revolução russa permanece só, viva contra seu próprio sistema, ainda longe das portas celestes, com um apocalipse a organizar. A Parusia se afasta ainda mais. A fé resta intacta, mas ela se curva sob uma enorme massa de problemas e de descobertas que o marxismo não havia previsto. A nova igreja está de novo diante de Galileu: para conservar a fé, ela vai negar o sol e humiliar o homem livre”.

A nova religião nascera, e os intelectuais do Ocidente, os lúcidos entre os lúcidos, caíram como patinhos no engodo. E este é o grande enigma que cerca o fenômeno Stalin: como foi possível que os espíritos

mais abertos e generosos da época se tornassem cúmplices e devotos deste formidável assassino? Ou talvez não fossem nem tão lúcidos, nem tão abertos e generosos, e sim pobres crianças em busca de um novo pai? Não será por acaso que a ladainha mais freqüente entoada a Stalin é a de “Paisinho dos Povos?”

Graciliano Ramos, escritor e militante do Partido, não escaparia ao novo dogma e um dia irá prestar culto ao deus vivo.

Já em *São Bernardo*, Graciliano lança o germe de uma idéia nova, pelo menos em termos de Brasil, o socialismo. Paulo Honório, o prepotente dono da terra, saído do nada e à custa de astúcia e mesmo crime, irá confrontar-se com as idéias renovadoras de Padilha, o semi-bacharel de quem tomou a fazenda. E ao casar-se com Madalena, terá em seu leito uma inimiga. Madalena é urbanidade, cultura, civilização, por oposição à rude incultura de Paulo Honório. Há ainda padre Silvestre, que sem ser ateu e materialista, pretende salvar o país por processos violentos. Em 1934, com sua intuição, Graciliano já define as duas religiões européias, ciumentas, em luta pela América Latina.

“Padres! exclamou Luís Padilha com desprezo.

“Era ateu e transformista. Depois que eu o havia desembaraçado da fazenda, manifestava idéias sanguinárias e pregava, cochichando, o extermínio dos burgueses”.

Padre Silvestre, por sua vez, se opõe ferozmente às novas idéias:

“— Essas doutrinas exóticas não se adaptam entre nós. O comunismo é a miséria, a desorganização da sociedade, a fome”.

E logo adiante:

“— Uma nação sem Deus! bradava padre Silvestre a d. Glória. Fuzilaram os padres, não escapou um. E os soldados, bêbados, espatifavam os santos e dançavam em cima dos altares”.

Na época não perceberam ainda, cristãos e marxistas, que pertencem a uma mesma religião, pequenas nuances à parte. Pois o que importa não são os dogmas de superfície de um sistema de pensamento, mas a corrente subterrânea que o nutre. Duas são as inovações básicas do cristianismo, por oposição ao paganismo greco-romano: a idéia de que todos os homens são iguais perante Deus (ridícula para gregos e romanos) e a de que a História tem um sentido, a *Parusia*. O marxismo — e aqui voltamos à intuição de Dostoievski em *O Idiota* — reafirma a igualdade de todos os homens, abstraindo-o *perante Deus* e também a idéia de que a História tem um sentido, só que desta vez não é mais a *Parusia*, mas o Estado Comunista.

A posição de Paulo Honório não é a de quem possa discutir ideais humanitários. Ao julgar Madalena materialista, conclui:

“A verdade é que não me preocupo muito com o outro mundo. Admito Deus, pagador celeste dos meus trabalhadores, mal remunerados cá na terra, e admito o diabo, futuro carrasco do ladrão que me furtou uma vaca de raça. Tenho portanto um pouco de religião, embora julgue que, em parte, ela é dispensável num homem. Mas mulher sem religião é horrível!”

“Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. ‘Palestras amenas e variadas’. Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo”.

E logo adiante:

“Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena e comecei a sentir ciúmes”.

Paulo Honório fica quatro meses sem pagar o ordenado a Padilha, agora seu empregado. E ainda goza com sua cara:

“— Tenha paciência. Logo vobcê se desforra. Você é um apóstolo. Continui a escrever os contoziños sobre o proletário”.

E quando Padilha chora, pedindo um emprego no fisco, Paulo Honório é cru:

“— Impossível, Padilha. Espere o soviete. Você se colocará com facilidade na guarda vermelha. Quando isso acontecer, não se lembre de mim não, Padilha, seja camarada”.

Madalena provoca em Paulo Honório um duplo ciúme. De um lado é a mulher que se lhe foge — e sua fuga se consumará no suicídio. Por outro lado, com suas idéias, Madalena lhe quer também tomar a condição de terratenente. Se Madalena morre, a idéia de revolução persiste. Paulo Honório, que a considerava parte de seu patrimônio, é um homem que fracassa.

Estamos, na ficção militante de Graciliano, face a um mundo em transformação. Na ficção, insisto, pois de 34 para cá, não me parece que o universo do Velho Gráça tenha-se transformado. Tampouco o universo brasileiro, pelo menos em seus preconceitos fundamentais. Em sua ficção, de um distanciamento brechtiano, as vítimas são seres cultos e civilizados, Madalena e Padilha. O carrasco é o ser bárbaro, que inclusive admite sua barbárie. As vítimas são socialistas, comunistas.

Paulo Honório, o boçal, opõe-se às idéias novas professadas pelas vítimas. Qual partido resta ao leitor tomar?

Comecei falando em Stalin e agora estamos discutindo, como se fossem mesma coisa, marxismo, socialismo, comunismo, stalinismo. Cada palavra, teoricamente, nada tem a ver uma com a outra. Já nos catecismos da nova fé aprendemos que o socialismo, mera etapa do comunismo, culminaria com a supressão do Estado, idéia que hoje marxista algum ousa defender. O fato é que, em determinado momento histórico, seja por excessiva carência de fé, seja por falta de rigor epistemológico, todos os conceitos se confundiram. Marx era socialismo, era comunismo, era Lenin, era Stalin.

Graciliano, como tantos outros, não menos ilustres, caiu na arapuca. É militante do partido desde 1945 e, em 1952 — duas décadas após as denúncias de Istrati, quinze anos após as denúncias de Gide, oito anos após *O Zero* e o *Infinito* de Koestler e o debate de Albert Camus com D'Astier de la Vigerie — nosso escritor vai adorar o deus encarnado. Adoração não tão derramada, como a do estúpido e apologético *O Mundo da Paz*, do ex-stalinista não contrito Jorge Amado. Mas ainda adoração.

A primeira frase da carta enviada de Moscou, datada de 1º de maio de 1952, diz tudo e dispensaria demais comentários:

“Clarita, Luísa, Ricardo: cá estamos na Terra Santa”.

O seco Graciliano, de repente vira místico desbordado.

Em Moscou encontrará Jorge Amado, prêmio Stalin de literatura. E tudo é festa e deslumbramento.

“Tenho bebido vodca, ido várias vezes ao Kremlin, à Praça Vermelha, visto a Catedral de São Basílio e o túmulo de Lenin. Ontem visita a VOKS: doces, frutas, vinho, arranjo do programa, discurso do Presidente, um professor de cabeça pelada. À noite, *Romeu e Julieta* no Teatro Bolshoi, com Ulanowa no papel de Julieta. Havia talvez mais de duzentas figuras. Nunca imaginei coisa semelhante. Hoje, a festa para que fomos convidados. O desfile começou às dez horas e deve ter-se prolongado até sete da noite. Deixamos o Kremlin às três horas. Víamos de longe, com dificuldade, a cabeça de Stalin. Furor de aplausos na multidão”.

Graciliano apanha então binóculos para melhor ver seu deus:

“Subi à última plataforma exterior do Kremlin, fui andando para a esquerda, cheguei a poucos metros do túmulo de Lenin, no momento em

que Stalin ia subindo a escada. Aproximei-o com o binóculo. Está velho, gordo e curvo. Nessa altura um tipo se avizinhou e quis tomar-me o binóculo. Fingi não entendê-lo. 'Sou estrangeiro. Não compreendo o russo'. Stalin passou. Recuei dez metros, quis examinar os figurões que estavam ali a pequena distância; outro guarda, falando e gesticulando, deu-me a entender que era proibido usar binóculo. Ignoro o motivo dessa proibição''.

Antes de passarmos à entusiástica transcrição deste episódio em *Viagem*, cabe determo-nos alguns segundos em uma frase de sua carta:

''Enquanto as organizações operárias desfilavam, Kalugin perguntou-me quais os meus livros que deviam ser traduzidos em russo. Talvez nenhum, respondi. E expliquei a minha divergência com o pessoal daí''.

As divergências de que fala Graciliano são em relação ao Zdanovismo. Felizmente, para nós e para a literatura brasileira, o alagoano sempre se recusou a submeter-se às normas do realismo socialista. O que não foi o caso de Amado. Mas o que insisto em sublinhar nesta frase é a proposta de edição de livros.

Afirmar que a fortuna internacional de escritores como Graciliano e Amado deve-se mais às suas relações com o Partido do que a seus inegáveis talentos é enunciar o óbvio. Mas trata-se de um óbvio sacrílego, pois implica afirmar que tais escritores utilizaram o Partido como agência publicitária, ou que o Partido os utilizou como agentes publicitários. De qualquer forma, fica claro na carta de Graciliano, que as traduções são decorrência da viagem, e ninguém recebe mordomias gratuitamente. (Quanto a Amado, dizia-me seu tradutor na Alemanha, Meyer-Clason, que seu sucesso na Europa decorre da tradução em russo. Da URSS Amado passa à RDA, dali Meyer-Clason o puxa para a Alemanha Ocidental, e só então sua literatura chegará a Paris e aos demais países europeus).

Em *Viagem*, Graciliano volta ao tema e conclui que seus livros em nada interessariam àqueles homens, ''são narrativas de um mundo morto, as minhas personagens comportam-se como duendes. Na sociedade nova ali patente, alegre, de confiança ilimitada em si mesma, lembrava-me da minha gente fusca, triste, e achava-me um anacronismo. Essa idéia, que iria assaltar-me com freqüência, não me dava tristeza. Necessário conformar-me: não me havia sido possível trabalhar de

maneira diferente: vivendo em sepulturas, ocupara-me em relatar cadáveres.”’

Ignoraria Graciliano Ramos os milhões de cadáveres que o stalinismo já havia amontoado? Muita tinta já rolara no Ocidente em torno às purgas, deportações e campos de concentração. Mas crente que se preze não quer ver, ao crente basta crer.

Uma ligeira dúvida perpassa o espírito de Graciliano e seus companheiros ao verem a cidade cheia de retratos de Stalin, “a demonstração de solidariedade irrestrita não impressionava bem o exterior”. Mas a senhora Nikolskaya, a guia, julga tal observação leviana e absurda, para consolo dos crentes: “nenhum russo admitia que as coisas se passassem de outra maneira. Essa réplica, isenta de motivos era, no meu juízo, superior a um longo discurso esteado em razões. Estávamos diante de um fato, e condená-lo à pressa, ao cabo de alguns passeios na rua, parecia-me ingenuidade. Com certeza ele era necessário, e devíamos, antes de arriscar opinião, investigar-lhe a causa. Realmente não compreendemos, homens do Ocidente, o apoio incondicional ao dirigente político; seria ridículo tributarmos veneração a um presidente de república na América do Sul. Não temos em geral nenhum respeito a esses indivíduos”.

Para o escritor alagoano, Stalin é o “estadista que passou a vida a trabalhar para o povo, nunca o enganou. Não poderia enganá-lo. Esforçou-se por vencer o explorador, viu-o morto — e seria idiota supor que, alcançada a vitória, desejasse a ressurreição dele. É, desde a juventude, um defensor da classe trabalhadora. Esta expressão, razoável há trinta e cinco anos, tornou-se desarrazoada, pois aqui já não existem classes.”

Graciliano está há poucos dias em Moscou, não fala o russo, tem roteiros rígidos de passeios e visitas, e já afirma peremptoriamente que não mais existe na Rússia uma sociedade de classes. Vista de nossos dias, sua afirmação é de uma ingenuidade atroz. Independentemente desta distância crítica, nada permite a um homem que pensa, fazer tais ilações genéricas a partir de tão parca experiência do povo soviético.

E o seco criador de Paulo Honório, inimigo de adjetivações supérfluas, passa a cultivar os adjetivos:

“Não admitimos nenhum culto a pessoas vivas, perfeitamente: A carne é falível, corruptível, inadequada à fabricação de estátuas. Mas não se trata de nenhum culto, suponho: esse tremendo condutor de

povos não está imóvel, de nenhum modo se resigna à condição de estátua. Homens embotados, afeitos à corrupção e à fraude, percebemos isto: a massa tem confiança absoluta nele e manifesta a confiança impondo-lhe a obrigação de admitir as ruidosas aclamações e os retratos. (...) Agradecimentos e louvores palpitam na alma da multidão, e recusá-los seria uma ofensa, um erro que nenhum político bisonho cometeria.”

Stalin, modesto dirigente, é coagido a aceitar a religiosa adoração das massas agradecidas. E Graciliano, o que sequer pode olhar para Stalin com binóculos, chega a concluir que este “tremendo condutor de povos” não é o monstro que o Ocidente imagina: “Deixavam-me passar. E deixavam-me subir a escadaria, galgar as insignificantes barreiras de meio metro, avizinhar-me do homem que a burguesia odeia com razão. Stalin não vive numa toca, defendida por metralhadoras e canhões.”

O homem que, em rápido turismo por Moscou, afirma não mais existir a sociedade de classes na União Soviética, mais adiante nos alerta para o perigo das generalizações. É quando passeia pelos jardins do Kremlin, em meio a “cinzas preciosas”. Lá estão as de John Reed, americano, portanto inimigo, pelo menos em princípio. Mas Reed escreveu a grande reportagem da Revolução. Logo, “esse nome nos enche de sentimentos bons. Perigoso entregar-nos a generalizações feitas à pressa. Nem toda a gente na América deseja aniquilar a humanidade com bombas atômicas e bactérias. Não vamos responsabilizar duzentos milhões de indivíduos, oito milhões e meio de quilômetros quadrados, porque um oficial de instinto ruim tentou furtar uma estatueta amarela no Hotel Savoy.”

Ao visitar o Kremlin, o espírito de Graciliano é tomado por sensações místicas (os grifos são nossos):

“... pisamos o núcleo de Moscou, a cidadela venerável exposta de longe ao mundo com júbilo ou furor, conforme as circunstâncias. Sim senhores. Estamos dentro dela — e as pedras santas das muralhas não caíram em cima de nós para esmagar-nos, estorvar a profanação.

“É verdade: miseráveis sapatos americanos, brasileiros, pezunham na terra sagrada por diversas razões. Estamos no Kremlin.”

Ante a guia que lhe narra a história do castelo, Graciliano sente-se “aluno chinfrim, seguro o lápis e o caderno, abro os olhos e os ouvidos, quero aprender.”

“Andamos noutros refúgios de religião, transformados em museus, vemos riquezas semelhantes às do primeiro, ouvimos datas, noções peregrinas, toda uma *santa arqueologia* que a revolução guardou com zelo piedoso.”

Sala de S. Jorge: “o Deus dele não podia equiparar-se ao Deus existente na Catedral de S. Basílio, fora do Kremlin.”

E iríamos muito longe se enumerássemos as evocações religiosas suscitadas em Graciliano por sua visita ao Kremlin. Passemos então à visita do escritor ao berço em que nasceu o novo Deus. Cidade de Gori. “O monumento a que nos referimos é apenas uma casa miúda, de tijolos nus, sem reboco”. Nos dois quartos que perfazem apenas doze metros quadrados, morava o velho Djugachivili (mantemos a grafia de Graciliano), sapateiro. José nasce em 1879 e destinava-se à profissão religiosa, já que o ofício de sapateiro rendia pouco. Troque-se o sapateiro por marceneiro, a cabana por manjedoura, coloque-se uma nova no firmamento, adicione-se mais três magos, e essa história já conhecemos. Olhando o ambiente, inconscientemente. Graciliano chega a trair-se: “Onde estava a cama do menino?”

Perseguir em *Viagem* este preto stalinista até o fim, tornar-se-ia monótono. Passemos a uma consideração final do autor:

“Meses depois, no meu país, homens sagazes e verbosos censuram-me a ignorância a respeito da União Soviética. Tinham-me os guias exibido coisas necessárias à propaganda, e eu, ingênuo, acreditara nelas. Indispensável aceitar verdades ocultas abaixo das aparências brilhantes. E, sem nunca ter ido à URSS, explicam-me-iam, generosos, horrores medonhos: trabalhos forçados, enxovias horríveis, fuzilamentos diários. Seria preciso admitir que as moças do Teatro Paliachivili e a menina do Instituto Marx-Engels estavam nesses lugares para enganar-me. Os transeuntes eram impostores, a serviço da polícia. As fábricas, as escolas, os palácios de pioneiros, tudo logro. Veneno do socialismo.”

Por ironia, esta irônica hipótese de Graciliano é a que acaba se configurando como a realidade da época stalinista. No XX Congresso, três anos após a morte do escritor e de seu deus, Krushev abre as cortinas do grande teatro e revela a face do mais operoso assassino do século. Como pode o generoso Graciliano deixar-se embarcar em tal canoa?

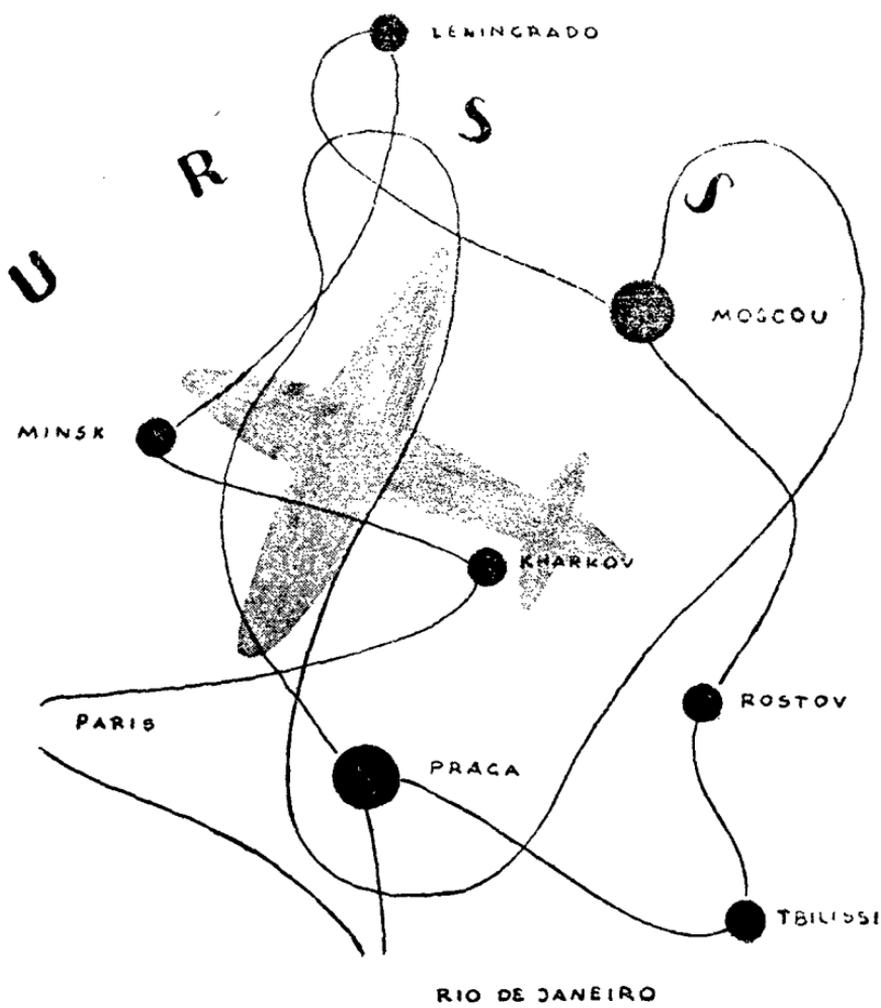


Ilustração de Cândido Portinari para a primeira edição de *Viagem*

Wilson Martins, ao analisar suas contradições, parece tê-lo entendido:

“Uma análise pormenorizada dessas contradições não poderia ignorar um tema que, por enquanto, deixo de lado: esse individualista e esse clássico tornou-se militante do Partido Comunista, no qual via, bem entendido, apenas os aspectos idealísticos e programáticos. O seu livro de turismo à União Soviética é, nesse particular, extremamente revelador: não me parece temerário supor que a realidade comunista, uma vez instalada no Brasil, causar-lhe-ia a mesma repugnância que a realidade republicana (no sentido radicalista da palavra). *Viagem* é, do começo ao fim, um livro de evasão: não de evasão do Brasil, mas de evasão da própria viagem que o escritor realizava. Não será preciso grande acuidade psicológica para perceber que Graciliano Ramos esforça-se subconscientemente, não apenas para aceitar o que lhe contam e o que lhe mostram, mas para sufocar qualquer veleidade de espírito crítico ou de curiosidade inoportuna. Tocando a Terra Prometida, ele eliminou, por um processo elementar e muito simples de sublimação psicológica, qualquer contato com o mundo imediato e com ele próprio: Graciliano Ramos não via a URSS da geografia, da política ou da sociologia, viu a URSS tal como ela se configura no mito mental que os comunistas do mundo inteiro e nomeadamente os do Brasil elaboraram pouco a pouco em anos e anos de diáspora imaginária.”

Não é difícil de se entender este movimento psicológico. Imagine-mos um escritor de talento, isolado em um obscuro rincão de qualquer país, em nosso caso, o Brasil. Seu talento não é reconhecido ao nível em que merecia sê-lo, e sua recompensa é o cárcere. Um belo dia, é convidado pelos dirigentes de uma prestigiosa revolução a visitar o paraíso terrestre. Neste paraíso ignoto, onde é recebido com tapetes vermelhos, mal chega já lhe perguntam quais de seus livros devem ser traduzidos no paraíso. A qual escritor não comoveria tal convite?

Em *Viagem*, vemos quão amargas são as marcas deixadas pelo Brasil em Graciliano. De que jeito vivem em sua terra? — pergunta-lhe uma advogada. O algoano não se furta a explicar:

“Caí num monólogo triste, falando interiormente às deliciosas vizinhas erguidas no fim da platéia. Isso mesmo. Entalam-nos o crânio, somos coagidos a não pensar direito: as nossas idéias se esfarelam, espalham-se em torno de pequenas misérias. E nem só os pensamentos se reduzem. Os corpos também se aniquilam, nas prisões e fora delas.

Uma prensa invisível nos comprime. O ar em nossa terra é denso, pesado; às vezes necessitamos esforço para respirar. E até isso nos roubam, estragando-nos os pulmões: ao sair da cadeia, estamos tuberculosos. Como vivemos? Propriamente não vivemos: aquilo não é vida. Quando entramos na Colônia Correccional, dizem-nos: — “Não vêm corrigir-se: vêm morrer. E ninguém têm direitos. Nenhum direito”. Espanta-nos a franqueza. Numa existência de animais, ficamos semanas em jejum completo. Descerram-se enfim as grades, vemos o Sol. Não realizaram, pois, a ameaça? Não nos mataram? Em parte, realizaram: estamos na verdade quase mortos. Ganhamos cabelos brancos e rugas. Assim tão fracos, tão velhos, não conseguiremos trabalhar. Arrasaram-nos.”

Segunda ironia na viagem de Graciliano: tentando descrever o Brasil, a partir de sua experiência pessoal, na verdade descreve a sociedade dos gulags, da qual é hóspede privilegiado.

Tão intensa é sua vontade de crer, que vê como grande avanço do socialismo a aniquilação das diferenças individuais. Em Moscou, pergunta à sua guia se uma transeunte próxima seria empregada em oficina ou em repartição pública. A Sra. Nikolskaya, moscovita, não consegue satisfazer-lhe a curiosidade: “É impossível saber. Não achamos distinção.” O viajante cede então ao utópico sonho de Lenin, o da sociedade em que o pedreiro seria também engenheiro:

“Um ofício não é superior a outro — e os homens tendem a uniformizar-se. Essa idéia choca o nosso individualismo pequenoburguês: achamos vantagens nas discrepâncias, receamos tornar-nos rebanho. E nem vemos que somos um rebanho heterogêneo, medíocre, dócil ao proprietário. Queremos guardar o privilégio imbecil de não nos assemelhar-nos ao vizinho. Enfraquecendo-nos, julgamo-nos fortes. Realmente, somos bestas”.

O gesto é de contrição.

Antes de regressar ao Brasil, nas proximidades do aeroporto de Moscou, o escritor tira o chapéu à horrenda arquitetura que nos legou Brasília. Vê casas e, intimamente, propõe destruição destas:

“Há na vizinhança do aeródromo casinholas de madeira, lastimosas, lôbregas, a cair de velhice. Não exibem realmente a miséria das nossas favelas, mas, tristes, feias, abrigam enorme desconforto. Vestígios de outras épocas, impressionam mal o visitante. Próxima se eleva a universidade, imensa, e isto aumenta a penúria dos infelizes pardieiros.

Conveniente destruí-los, pensei, evitar-nos a visão molesta. O prejuízo não seria grande: os habitantes das minguadas velharias, pouco numerosos, achariam sem esforço asilo noutros lugares, e os estrangeiros de maus instintos, resolvidos a torcer o nariz ao socialismo, perderiam num instante aparências de razões badaladas com rigor lá fora: os indivíduos aqui não têm onde morar: na cidade enorme, sete milhões de criaturas se alojam a custo, várias famílias arrumando-se num quarto miúdo. Estupidez, é claro. Mas por que não suprimir a causa da estupidez?”

O cauteloso escritor que se recusa a escrever sobre um mosteiro em Sukhumi, cidade balneária, porque “não me aventuro a expor conhecimentos arranjados à pressa, numa carreira de oitenta quilômetros por hora”, mal passa alguns dias em uma cidade de sete milhões de habitantes, com passeios orientados a palácios e museus, já sabe que é estupidez afirmar-se que os sete milhões de moscovitas habitam mal. Haja fé.

A Sra. Nikolskaya, com ar de forte desprezo, o esclarece:

“— Estão aí as belezas do individualismo”.

O ensejo de Graciliano Ramos cumpriu-se. As belezas do individualismo não mais existem em Moscou. Todo moscovita, Nomenclatura a parte, vive em blocos cinzas de concreto, e o problema habitacional persiste, a ponto de jovens combinarem casamentos brancos com o fim exclusivo de obter do Estado alguns parques metros quadrados. E o que é pior: a desoladora arquitetura staliniana acabou sendo transplantada para nosso Planalto Central e, salvo terremoto ou bomba atômica, ali persistirá séculos afora.

Ao final da viagem, em Gagra, vilarejo às margens do Mar Negro, os anfitriões mais uma vez cobram o escritor. Uma professora lhe pergunta se não vai escrever um livro sobre a União Soviética.

“Não sei, minha senhora. Acho que não. Faltam-me observações, demoro pouco.”

Na despedida, na Geórgia, Leonidze, presidente da União dos Escritores — a quem o convidado oficial da Voks (sociedade para as Relações Culturais da URSS com os Países Estrangeiros) dedica um capítulo, indignado com a imprecisão de seus informes — afirma que a viagem renderá a ele, Graciliano, um livro.

“— Muito difícil. Ignorância completa”.

Mas renderia, ainda que póstumo. E o criterioso Graciliano, que recusava dobrar-se aos ditames de Zdanov, acaba escrevendo uma

obra-prima de realismo socialista. Enquanto suas ficções não são ficções, mas a realidade do homem nordestino, seu relato de viagem não é real, mas ficção pura, e das mais infelizes.

Sobrevivesse Graciliano ao XX Congresso, qual seria sua atitude? Ignoramos. Era, sem dúvida alguma, um homem íntegro. Mas a necessidade de crer em algo é mais forte, no homem, do que sua coerência.

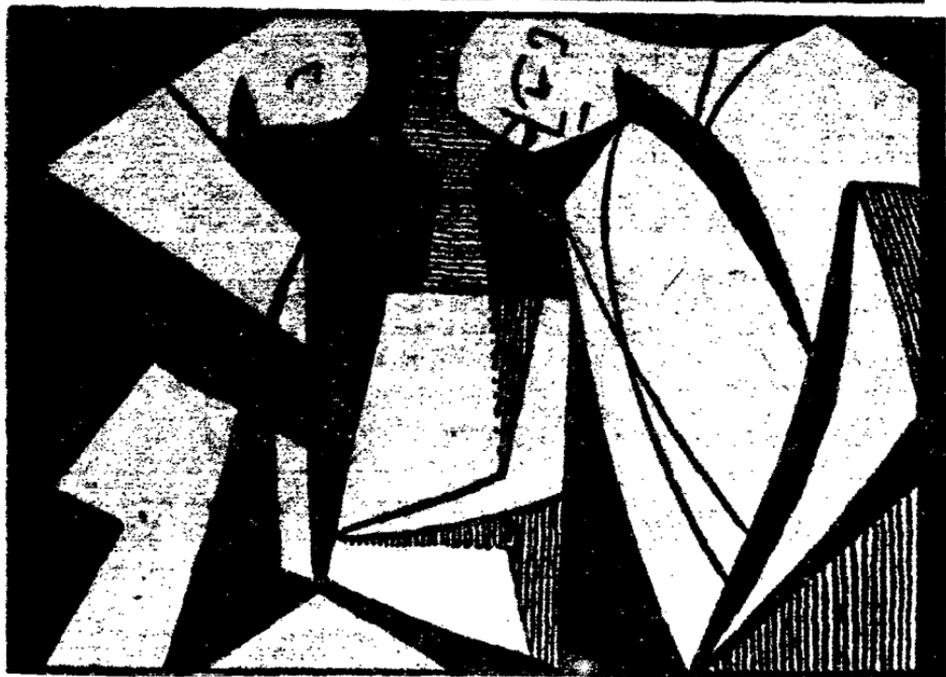
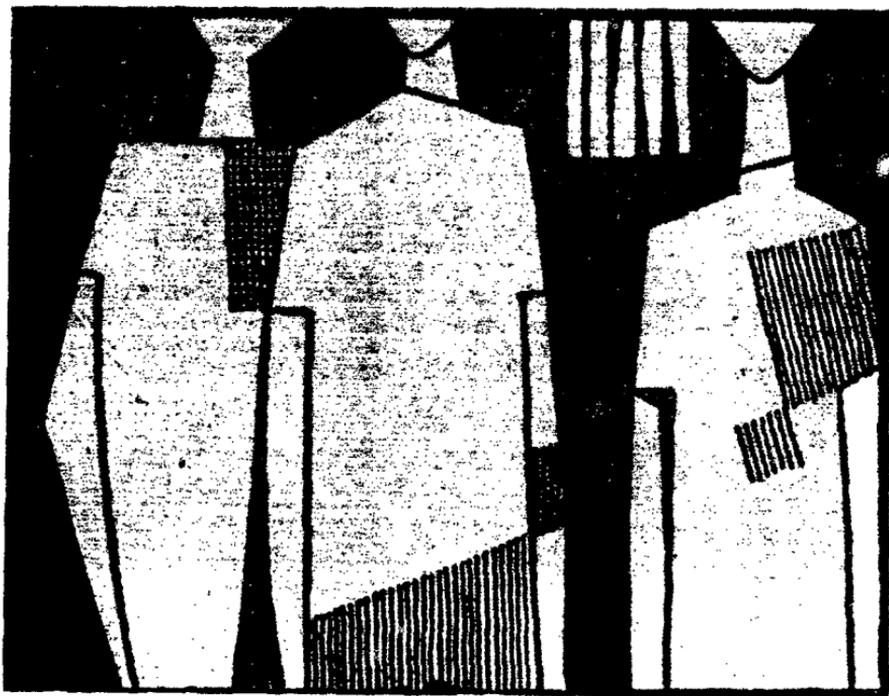
BIBLIOGRAFIA

- CAMUS, Albert. *L'Homme révolté*. In: *Essais*, Paris, Gallimard, 1965.
- JELÉN, E., LAZITCH, B. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 03/04/83.
- KAZANTZAKI, Nikos. *Voyages — Russie*. Paris, Plon, 1977.
- MARTINS, Wilson. *O Modernismo*. São Paulo, Cultrix, 1977.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. São Paulo, Edições e Publicações Brasil Editora, 1965.
- *O Anti-cristo*. Lisboa, Editorial Presença, 1973.
- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*, Rio, Record, 1983.
- *Viagem: Tchecoslováquia — URSS*. Rio, Record, 1976.
- *Cartas*: Porto Alegre, MPM — Comunicações, s/d; edição especial fora de comércio.
- ROY, Claude. *Les Chercheurs de dieux*. Paris, Gallimard, 1981.



Ilustração de Magalhães F^o para "Insônia", publicado em *Atlântico*, nº 5, 1944.





Ilustrações para as capas da primeira edição de *Memórias do cárcere*